

# INFÂNCIA, PAISAGEM E POÉTICAS DO ESPAÇO-TEMPO

**ANA JULIA LACERDA MEIRA MENEZES**

Mestranda em Educação, Culturas e Identidades (UFRPE/FUNDAJ),  
analacerdamusica@gmail.com;

**PATRÍCIA MARIA UCHÔA SIMÕES**

Pesquisadora na FUNDAJ, docente do Programa de Pós Graduação em  
Educação, Culturas e Identidades (UFRPE/FUNDAJ), pusimoes@gmail.com;

## 1. INTRODUÇÃO

O presente escrito parte de uma pesquisa em andamento a qual procura pensar, a partir de reflexões interdisciplinares sobre Infâncias e sobre Paisagem, experiências paisagísticas com crianças. A referida pesquisa mobilizará falas e narrativas de crianças com idades entre 02 e 05 anos sobre experiências paisagísticas no Sítio Histórico do município de Olinda, Pernambuco.

O recorte para o presente texto apresentará as reflexões em formato de ensaio, buscando uma escrita fronteiriça e caminhante, sem pretensões de totalidade (LARROSA, 2003). Para iniciarmos nossa discussão, apresentamos a frase de Heráclito, citada em Kohan & Vigna (2013, p. 10): “Se não se espera o inesperado não se o encontrará, dado o difícil de achar e de aceder que é” que conversa com a exposição que pretendemos construir no presente escrito, em especial após o advento da pandemia de COVID-19, momento que ficou evidente a possibilidade de questionarmos e interrogarmos a vida em *devir* e, nesta ocasião, serem construídas agências relacionais entre crianças, pessoas adultas e agenciamentos, entendendo esses enquanto uma composição de elementos diferentes entre si que fariam surgir algo novo (ALMEIDA, 2020).

Buscamos refletir sobre tempo e espaço. A respeito do primeiro, nos chama a atenção a aparente existência de uma corrida humana contra o ‘relógio’, ou seja, o *chrónos*. Kohan (2011) fala sobre isto em relação à Infância: as crianças seriam compreendidas enquanto sujeitos do futuro e, por isso, paradoxalmente, deve-se ter pressa para preencher, o quanto antes, seus tempos com atividades úteis para a construção dessa condição que há de chegar. Diversas atividades escolares foram suspensas e, para não se perder ‘tempo’, teve quem se engajou na ideia de continuidade: no “novo normal”, algumas práticas foram criadas, como as aulas remotas na Educação Infantil (KOHAN, 2020).

Em meio a conteúdos, habilidades e competências, onde estaria o tempo e o espaço do ócio - do latim *otium*, significando um tempo livre, sem visar vantagens futuras? Parece que esta corrida contra o tempo é também uma corrida contra outras crianças que, ao deixarem de ser crianças, estariam, em tese, emancipadas e sujeitas às vicissitudes da vida adulta.

A partir destas reflexões, buscamos pensar a noção de paisagem enquanto uma possibilidade de experiência na qual haveria a criação de espaço e tempo em constante inconstância. A ideia de Paisagem

se aproxima do instante do encontro do corpo e seus sentidos com o 'mundo', produzindo afetos, os quais podem implicar na construção de imagens poéticas, as quais trazem consigo implicações políticas.

O imaginário espacial da modernidade, centrado numa concepção de inércia, foi útil na busca de justificativas para as desigualdades socioespaciais como, por exemplo, na legitimação da pobreza de certos lugares afirmando que estes são "atrasados", como se estivessem em um determinado estágio de uma história linear e como se não tivessem relação com os locais "desenvolvidos". Contudo, a geografia está sempre se criando de modo aberto, movimentando-se (MASSEY, 2013).

Para Besse (2014), a noção de paisagem parte da percepção, numa abertura aos elementos sensíveis do mundo, uma presença corporal que sujeita a pessoa a afetos e atravessamentos. É, portanto, um espaço-tempo primeiramente vivido, possuindo uma potencialidade de ser narrado. A experiência da caminhada indica que na paisagem, a sensibilidade estaria, ao mesmo tempo, ativa e ativada, requalificando o espaço com novas intensidades e qualidades.

Larrosa (2017) afirma que a experiência seria cada vez mais rara, pois as coisas passam cada vez mais depressa. Um gesto de interrupção, no qual o sujeito pare para pensar, olhar, escutar, sentir e pensar mais devagar, demorando-se nos detalhes, com o cultivo da atenção e da delicadeza, dando-se tempo e espaço, pressupõe a *experiência*.

Assim como paisagens, os sujeitos também seriam atravessados por descontinuidades. Apostamos na potencialidade de integrar um pensamento político que subjaz a construção de um 'devir-paisagem' no qual há possibilidades de quebra da repetição do que está posto, abarcando imaginações e re-imaginações sobre os espaços para além de uma ideia de paisagem metonímica, a qual seria 'fruto' de macropolíticas.

Acolhemos as reflexões de Kohan (2007) no que concerne à noção de Infância, compreendida enquanto condição de experiência. Pondera o autor que a diferença entre história e devir, *chrónose aion*, macro e micropolítica podem contribuir na compreensão de duas noções de infâncias: uma que seria majoritária, contínua, das etapas de desenvolvimento, dos parâmetros de educação infantil e escolar; e outra infância, minoritária, habitaria outra temporalidade, mais próxima da Experiência, da ruptura, da revolução e criação. A Infância, nesta perspectiva, seria a afirmação do ainda não previsto nem nomeado, assumindo que não há um caminho predestinado a ser seguido (KOHAN, 2011).

Kohan (2011) não busca uma idealização ou romantismo da noção de Infância, nem associa esta a uma ideia de natureza perdida, metafísica ou um estado de perfeição humana, mas apresenta uma política do pensamento assentada na igualdade e na diferença, apostando na transformação das relações através da inquietude.

Diante de tais reflexões, como relacionar aproximações de Infância, Paisagem e poética? Skliar (2014) diz que o que tornaria o casual em poético é a travessia, quando os segundos não querem passar – mesmo que passem – pois a percepção os retém. É um constante movimento de encontro e desencontro com o desconhecido (ou conhecido), se permitindo aos atravessamentos da paisagem. Se houver uma tarefa da poética, seria a de se insistir no instante, permanecendo neste. Ainda reflete o autor que a criança não estabeleceria diferenças entre caminhar, passar, viajar e atravessar, pois tudo seria passagem, assim como o/a poeta. Apostamos na experiência da paisagem enquanto agenciamento, uma criação de espaço-tempo de abertura à percepção, sem interrupções ou buscas pelo ordenamento do mundo, escapando da previsibilidade e do excesso de informações consideradas “úteis”. Para (não) finalizar, eis um poema de Osip Mandelstam, citado por Peter Handke (2018): “Onde começar?/ Tudo estala, se desloca e cambaleia/ O ar vibra de comparações,/ Uma palavra não convém mais do que uma outra./ A terra zumbe de metáforas...”.

**Palavras-chave:** Paisagem; Infâncias; Poética.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tiago et al. A vida como acontecimento e a potência do indeterminado em tempos de pandemia para pensar a relação com a infância.

**Sociedad e Infancias**, v. 4, p. 285-288, 2020.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

HANDKE, Peter. **Publikumsbeschimpfung und andere Sprechstücke**. Suhrkamp Verlag, 2018.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância: ensaios de filosofia e educação**. Autêntica Editora, 2007.

KOHAN, Walter Omar. **Infância: entre educação e filosofia**. Autêntica Editora, 2011.

KOHAN, Walter Omar; VIGNA Elvira. **Pensar com Heráclito**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.

KOHAN, Walter Omar. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Práxis Educativa** (Brasil), v.15, 2020.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & Realidade**, v. 28, n. 2, 2003.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Autêntica, 2017.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. 4a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SKLIAR, Carlos. **O ensinar enquanto travessia: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação**. Salvador: edufba, 2014